



FOTO: DIVULGAÇÃO

NA ROTA DO CRESCIMENTO

| POR MARIA TEREZA FLEURY, ALINE LILIAN DOS SANTOS E ADRIANA WILNER

ZHANG GUANGHUA, CEO DA FILIAL BRASILEIRA DO BANK OF CHINA, MOSTRA COMO O BANCO CRESCE COM O AUMENTO DOS NEGÓCIOS ENTRE BRASIL E CHINA.

Zhang Guanghua aprendeu a falar português ainda quando cursava estudos internacionais na Shanghai International Studies University. Foi um aprendizado bastante útil para a sua carreira no Bank of China, um dos quatro maiores bancos estatais do país e o mais antigo a operar continuamente. Trabalhou por cinco anos na filial de Macau e está no comando da operação brasileira desde 2012.

Em entrevista exclusiva à *GV-executivo*, Zhang conta que, no Brasil, as operações vêm crescendo rapidamente, acompanhando a intensificação do comércio exterior e dos investimentos diretos entre os dois países. Também fala sobre as diferenças e semelhanças culturais de gestão entre brasileiros e chineses, reflete sobre questões socioambientais e de sustentabilidade em ambos os países, bem como quais são as condutas do banco nesse sentido.

AS PRINCIPAIS ATIVIDADES DO BANK OF CHINA BRASIL SÃO: FINANCIAR AS EMPRESAS BRASILEIRAS E AJUDÁ-LAS A EXPORTAR PARA A CHINA. EM 2020, MESMO COM A PANDEMIA DA COVID-19, O BANCO REGISTROU UMA ALTA DE CRÉDITO DE MAIS DE 100%, UM AUMENTO MUITO AGRESSIVO NA NOSSA HISTÓRIA NO PAÍS.

Gv-executivo: O Bank of China está no Brasil há mais de uma década. Nos últimos anos, outras instituições financeiras chinesas também chegaram ao país. Por que ocorre esse movimento?

Zhang Guanghua: Primeiro, o mercado brasileiro é gigante e tem muito potencial. Segundo, para qualquer banco do mundo, o objetivo na globalização é acompanhar o fluxo de comércio e investimento. O comércio bilateral entre a China e o Brasil ultrapassou US\$ 100 bilhões em 2020, e o saldo de investimento chinês no país passou de US\$ 80 bilhões. É o maior investimento chinês na América Latina. Os bancos acompanham esse movimento. Se os clientes vão para o exterior, eles também vão.

Gv-executivo: Quais são as principais atividades do Bank of China no Brasil?

Zhang Guanghua: As atividades principais são: financiar as empresas brasileiras e ajudá-las a exportar para a China. Em 2020, mesmo com a pandemia da Covid-19, o Bank of China Brasil registrou uma alta de crédito de mais de 100%, um aumento muito agressivo na nossa história no país. O objetivo é que essas empresas possam ter liquidez suficiente e produzir mais, para exportar tanto para a China como para outros países. Também atuamos para que empresas brasileiras possam conhecer importadores da

China. Em cooperação com a Fiesp e a Apex, convidamos empresas brasileiras para a Feira Internacional de Importação de Shanghai, a CIIE. Fazemos uma pesquisa antes da partida, para procurar importadores potenciais para essas empresas. Há um dia exclusivo para elas, em que cada uma pode encontrar de sete a 14 empresas potenciais.

Gv-executivo: Qual o perfil das empresas que recebem esse apoio?

Zhang Guanghua: São, normalmente, empresas de pequeno e médio portes. Para elas é muito mais difícil entrar no mercado chinês, pois o conhecem pouco. As maiores, como JBS, Vale e Petrobras, não precisam dessa ajuda. Mas é uma pena que a capacidade de produção das empresas apoiadas seja pequena. É difícil atender à demanda na China, porque o mercado de consumo é gigante. Um exemplo é uma empresa de água mineral, que atraiu o interesse de importadoras chinesas, mas não tinha como produzir o número de garrafas solicitadas. A empresa conseguiu exportar, mas não tudo que foi pedido.

Gv-executivo: O Bank of China também ajuda empresas que queiram criar subsidiárias em território chinês?

Zhang Guanghua: Sim; não tem sido muitas. Ajudamos três empresas no passado e proporcionamos a elas capital de giro. Mas, se empresas

brasileiras quiserem procurar parceiros na China, o Bank of China pode ajudá-las, porque todas as empresas chinesas são nossas clientes.

Gv-executivo: Quais são as tendências, em termos de investimento direto, da China para o Brasil?

Zhang Guanghua: Nos últimos cinco anos, o investimento direto chinês para o Brasil aumentou rapidamente. O saldo de mais de US\$ 80 bilhões é enorme, se considerarmos o investimento chinês fora da China em um país só, particularmente, em um emergente. Claro que não se pode comparar com os Estados Unidos, porque lá as empresas chinesas investiram mais. No Brasil, o investimento direto tem se destinado aos setores de tecnologia, infraestrutura, agronegócio e energia. Mas, no ano passado, por causa da pandemia, esse ritmo desacelerou. As empresas chinesas focaram na própria economia interna e fizeram todos os esforços e sacrifícios para que ela se recuperasse o quanto antes. Em 2020, a economia chinesa cresceu 2,3%. Em comparação ao histórico do país, é um percentual baixo, mas, em relação ao ambiente global do ano passado, é um ótimo resultado. Com essa recuperação econômica, aqueles projetos grandes, que foram atrasados no Brasil, vão se acelerar no futuro. Mas isso também irá depender da política do governo brasileiro para atrair investimentos.

OS BRASILEIROS SÃO MAIS ABERTOS E FRANCOS PARA FALAR, MESMO QUE SEJA SOBRE OS PONTOS FRACOS. É MELHOR FALAR DIRETAMENTE ALGUM PONTO A MELHORAR. NÓS, CHINESES, SOMOS UM POUCO MAIS FECHADOS PARA ISSO.

Gv-executivo: Como é o potencial de crescimento nas relações entre Brasil e China, em termos de comércio e de investimento direto?

Zhang Guanghua: Comércio e investimento direto são diferentes áreas. Comércio é mais tradicional, sempre vai ter essa tendência de aumento ao longo do tempo, ainda mais considerando que os mercados chinês e brasileiro são muito complementares. Em 2020, as exportações brasileiras para a China cresceram muito e contribuíram para o saldo comercial do Brasil. Em termos de investimentos diretos, as políticas governamentais da China e do Brasil exercem grande influência. Sempre tem a ver com as relações bilaterais. Com a instabilidade da instituição, do mercado e do câmbio, é mais difícil prever, mas acredito que o mercado brasileiro sempre é um destino de investimentos do capital chinês.

Gv-executivo: Com relação às exportações brasileiras para a China, o que explica o crescimento de 2020?

Zhang Guanghua: No ano passado, por causa da pandemia, a produção mundial de cereais diminuiu. A China importou mais – e a produção brasileira foi muito importante. De qualquer forma, a produção chinesa é pequena. Não há como atender a demanda interna, então, a importação de cereais vai continuar aumentando. Na área de minério de ferro, as

importações do Brasil cresceram por causa de conflitos entre a Austrália e a China. Mas a China tem uma demanda por minério de ferro um pouco mais estável agora.

Gv-executivo: Como o senhor enxerga as diferenças culturais entre as empresas brasileiras e as chinesas?

Zhang Guanghua: Há muitas diferenças, mas também pontos semelhantes. Por exemplo, na China e no Brasil, os colaboradores têm que trabalhar bem, ser profissionais e usar o bom senso. Esses valores são iguais. Mas as culturas são diferentes, em muitos aspectos. Os chineses sempre são mais conservadores e cautelosos para tomar decisões. Nossos colegas brasileiros são mais acelerados nesse processo. Todo ano, convidamos professores para irem ao banco para ensinarem aos expatriados chineses a cultura, os costumes e as tradições brasileiras. Por outro lado, também investimos em ensinar a cultura chinesa aos colaboradores brasileiros. E, assim, podemos ter um melhor entendimento sobre a diferença cultural mútua. Outro aspecto que aprendi durante minha carreira no Brasil é a comunicação direta entre chefe e colaboradores. Acho que os brasileiros são mais abertos e francos para falar, mesmo que seja sobre os pontos fracos. É melhor falar diretamente algum ponto a melhorar. Nós, chineses, somos um pouco mais fechados para isso.

Gv-executivo: Qual a posição do banco em relação às questões de sustentabilidade socioambiental?

Zhang Guanghua: Política socioambiental é um tema desafiador para os bancos e para todas as empresas, atualmente. Há dois anos, discuti com o Banco Central sobre como implementar uma resolução do Bacen sobre política socioambiental. Na época, eu tinha dúvida sobre como um banco poderia implantar a resolução, porque, no Brasil, essa questão é um grande desafio para a maioria das empresas de *commodities* e sua cadeia de suprimentos, originação e distribuição. É muito difícil evitar isso em países emergentes. A China já tinha e ainda tem problemas socioambientais, mas tem procurado adotar a melhor prática para aperfeiçoar o ambiente. Quando operamos com o cliente no Brasil, sempre temos um processo de checagem da política socioambiental, para ver se a empresa tem algum problema, leve ou grave, que possa causar problemas no futuro. É um processo exigente, mas temos que fazer. ●

RAIO X

- ▶ Zhang Guanghua.
- ▶ Graduado em estudos internacionais pela Shanghai International Studies University.
- ▶ CEO do Bank of China no Brasil.

MARIA TEREZA FLEURY > Professora da FGV EAESP > mtereza.fleury@fgv.br

ALINE LILIAN DOS SANTOS > Jornalista da Gv-executivo > aline.lilian@fgv.br

ADRIANA WILNER > Editora adjunta da Gv-executivo > adriana.wilner@fgv.br